

## **A guerra do Iraque sob os olhos do jornalismo literário: uma entrevista com o repórter Jon Lee Anderson<sup>1</sup>**

*The Iraq War through the eyes of literary journalism: an interview with reporter Jon Lee Anderson*

*La guerra de Irak bajo la mirada del periodismo literario: entrevista con el reportero Jon Lee Anderson*

*Entrevistadoras: Carolina Stiepanowez<sup>2</sup> e Lilian Saback<sup>3</sup>*

Como gênero, o Jornalismo Literário atua como uma expansão do jornalismo tradicional, utilizando técnicas da literatura para desafiar os preceitos do lide e da práxis noticiosa (Pereira, 2017). Durante a guerra esse gênero encontra um terreno fértil para florescer e emerge como um subproduto para tentar entender e aliviar o sofrimento do conflito (Bak, 2017). Esse fenômeno foi tema da entrevista *on-line* realizada com o repórter americano Jon Lee Anderson, em 8 de agosto de 2025. O jornalista acompanhou, nos anos 2000, a polêmica invasão dos Estados Unidos ao Iraque e sua experiência deu origem ao livro “A queda de Bagdá” (2004). Nessa entrevista, além de trazer bastidores sobre a produção da reportagem, o repórter reflete sobre o papel da empatia nas coberturas de guerra e a possibilidade desse tipo de jornalismo ajudar na construção da paz.

### **Como foi o processo de produção do livro “A queda de Bagdá”?**

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada para um trabalho de conclusão de curso (Stiepanowez, 2025). Trechos da entrevista foram utilizados neste texto, mas a entrevista na íntegra permanece inédita.

<sup>2</sup> Editora de internacional da Globonews e graduada em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: [carolina.stiep@gmail.com](mailto:carolina.stiep@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ em cotutela com ISCTE-IUL (2015), docente e Coordenadora de Extensão do departamento de Comunicação da PUC-Rio. E-mail: [liliansaback@puc-rio.br](mailto:liliansaback@puc-rio.br).

Eu fui ao Iraque pela primeira vez em 2000. Na época eu já trabalhava para a *The New Yorker* há uns dois anos e propunha lugares para ir. Eu era fascinado pelo país há muito tempo, especialmente desde a primeira Guerra do Golfo, quando o Ocidente entrou em guerra com Saddam Hussein, mas o deixou no poder. Embora a Guerra Fria tivesse acabado, percebi que estávamos em uma nova fase em que essas potências ocidentais estavam tentando mantê-lo sob controle, mas sem realmente impedi-lo de ser um tirano. Então, achei que essa situação era insustentável e, quanto mais eu lia sobre Saddam, mais ficava fascinado com a ideia de que ele era meio que o maior tirano do mundo. No sentido bíblico da palavra, sabe? Ele não aparecia em público, construía palácios, era brutal e assim por diante. Fui ao Iraque em uma época em que ninguém falava em atacar o país. Havia apenas uma guerra de baixo nível, na maior parte aérea, e ele era uma espécie de presidente fugitivo e clandestino. Tudo mudou depois do 11 de setembro<sup>4</sup>, quando Bush decidiu atacar o Iraque por razões que ainda não sabemos ao certo. Então, comecei a retornar ao país antes da invasão, durante a invasão e depois dela, por vários anos. E, durante esse tempo, decidi escrever um livro sobre o Iraque – na verdade sobre a guerra que tomou Bagdá, que fez Bagdá cair.

**O livro tem alguns personagens de maior destaque, como o médico Ala Bashir e o motorista Sabah Al-Taiee. Como essas pessoas orientaram sua cobertura da guerra?**

Sabah começou como meu motorista e, à medida que a invasão se aproximava, começou a revelar aspectos de si mesmo. Primeiro, por exemplo, que seu próprio irmão havia sido morto pouco antes de a invasão acontecer. Tem um momento em que ele desaba em lágrimas e o horror dessa descoberta, de saber que ele estava trabalhando para as pessoas que mataram seu irmão, o extremo, o absolutismo desse poder, dessa ditadura, disse-me muito sobre Sabah. Ele era um operador, ele tentou contornar o sistema, mas, durante a invasão, ou talvez logo depois, ficou mais ou menos explícito que ele também havia informado o Mukhabarat (serviço de inteligência do Iraque), pois não havia como ele ter sido designado como meu motorista sem informar o Mukhabarat. O que, novamente, era um relacionamento que eu

---

<sup>4</sup> No dia 11 de setembro de 2001 um ataque terrorista da Al Qaeda matou quase 3.000 pessoas em Nova York. O grupo sequestrou 4 aviões – dois deles colidiram contra o World Trade Center, um contra a sede do Departamento de Defesa dos EUA e o último caiu em uma área sem habitantes (Atentados [...], 2021)

tinha antes, quando morava em Cuba e outros lugares, então não fui perseguido de forma específica. Mas esses tipos de relacionamentos, essas nuances de traição, confiança, amizade, duplicidade, são essenciais para entender como as pessoas vivem ou têm que viver, adaptar-se, tornar-se cúmplices ou vítimas da ditadura e da tirania. Acho isso fascinante e acho que é algo que precisamos entender. Portanto, eu também não estava julgando-o particularmente, mas queria que as pessoas compreendessem como ele tinha se tornado parte desse sistema, como chegou a fazer essas escolhas. E foi o mesmo com Ala Bashir, de uma forma mais difícil de compreender, porque ele era alguém de uma posição social e econômica diferente, era educado, era indiscutivelmente um homem sensível, um esteta, um artista e, ainda assim, trabalhava para esse tirano brutal. Eu lhe perguntava repetidamente por histórias, finalmente ele me contou uma em que Saddam o chamou para um de seus palácios, logo após a primeira Guerra do Golfo e antes do grande massacre dos xiitas no sul. Saddam caminhava com ele – estava com raiva – e lhe contava o que estava prestes a fazer, que era massacrar os xiitas no sul. E eu perguntei a ele: “Então, quando ele te disse isso, o que você fez?” Esse é o momento, certo? E ele disse que olhou para a orelha dele, ficou fascinado pela orelha dele, porque a luz brilhava através dela. O que o salvou foi sua sensibilidade artística. Naquele momento, entendi que Ala Bashir escolheu sobreviver e não discutir contra o que sabia que Saddam estava prestes a fazer, o que resultou na morte de cerca de 100 mil pessoas. E depois voltamos a esse assunto e tentei entender Ala. Foi difícil, porque ele estava me confessando algo que era como um pecado mortal e isso claramente incomodava sua consciência, ou ele não teria compartilhado. Mas eu não achei apropriado agir como um promotor com ele. Se ele compartilhou isso comigo foi porque ele queria minha compreensão, não meu julgamento, mas eu achei difícil não o julgar. Mas também o entendi, e acho que esse é o dilema. Esse dilema de lealdade, engano, traição e essas coisas terríveis, escolhas que as pessoas são forçadas a fazer por medo físico, que eu queria transmitir para o leitor, e isso se tornou, de certa forma, o ponto central do livro. Pelo menos através das pessoas que conheci e que faziam parte da estrutura da ditadura de Saddam Hussein. A outra parte, é claro, é a chegada dos americanos e como eles agem de forma cega, daquele jeito bem americano.

**Quais foram os desafios de representar criticamente o regime de Saddam?**

Tudo que eu precisava fazer era mostrar esses dilemas pungentes e, em alguns casos, angustiantes que as pessoas enfrentam vivendo sob o regime de Saddam. Não precisei editorializar, é evidente. É evidente que Ala Bashir teve que escolher entre usar sua influência com Saddam para tentar salvar seus companheiros ou ficar paralisado de choque, e foi isso que aconteceu. É simplesmente algo muito humano. E acho que é útil para as pessoas verem como outros vivem e como se tornam parte de um sistema terrível, porque é algo que já vimos várias e várias vezes. Eu também não queria de forma alguma apresentar Saddam de forma bajuladora. Eu estava muito, muito ciente de quem ele era e também fascinado por ele de certa forma. Mesmo em minha primeira viagem, descobri, por exemplo, conversando com outras pessoas que eram próximas a ele e tinham estado perto dele no início de seu poder, que ele havia se inspirado em Stalin, até mesmo em sua linguagem corporal. E então, para mim, achei que era uma coisa extraordinária de se saber e compartilhar. Quando escrevo sobre um lugar, não escrevo esperando ou planejando voltar, mas como se fosse a última vez que eu pudesse ir lá. Às vezes é difícil, mas eu faço isso, queimo a casa se for preciso. Isso transparece na escrita. Não tenho um plano prévio, é simplesmente a verdade.

### **E a invasão americana?**

Com os americanos, foi como eu vi acontecer. O sinal de alerta de que algo iria acontecer para tornar tudo terrível e fazer com que tudo desse errado estava lá desde o primeiro dia: nos homens que conversavam comigo enquanto assistíamos à estátua de Saddam ser derrubada, como um tipo de aviso; nos saques que vi acontecerem e no saque de armas que estava começando a acontecer; na falta de consciência dos americanos quando entraram em Bagdá. Eles não tinham nenhum plano e isso foi chocante para mim. Eu sempre esperei mais, sabe? Você pensa no governo como algo grande, certo? Que eles sabem mais do que você. Acontece que não, eles não sabiam e isso foi chocante. Então, essa falta de consciência, francamente, esse tipo de determinismo etnocêntrico que parece ser uma característica dos meus compatriotas, também é uma espécie de truísmo sobre os americanos. Acho que essa ideia de que você pode se tornar qualquer coisa que quiser deus, aos Estados Unidos, essa ideia de

fronteira ilimitada, de aventura ilimitada. E também nos deu muitos excessos. O sonho americano, tal como é, também tem todos esses aspectos de pesadelo. E acho que essa mesma ingenuidade e idealismo, que foram inculcados como parte do nacionalismo americano, é algo que vimos se repetir mais de uma vez no cenário mundial em intervenções no exterior, porque os americanos dizem a si mesmos: “estamos apenas salvando a democracia”, somos uma força do bem, mas eles estão fazendo coisas terríveis e não aprenderam com o passado. E o que eu estava vendo no Iraque era quase inacreditável. Eles não tinham conhecimento, em alguns casos, de onde estavam, da história do país. Os soldados mais jovens nem sabiam sobre o Vietnã, eles reinventaram o termo “corações e mentes” como se tivessem inventado. Então, é por isso que a última frase do livro, se não me engano, é: “Bagdá caiu, mas nunca caiu de verdade.” E a mesma coisa aconteceu no Afeganistão. Então, novamente, é esse tipo de projeção deliberada em um cenário estranho que, eu acho, permitiu que o poder absoluto do material militar – o poder de fogo superior, o dinheiro, todas essas coisas que eles trazem com eles, pudessem parecer alterar a situação por um tempo. Mas, no final, eles estão apenas dando passos em falso na superfície. E foi isso que eles fizeram no Iraque.

**Falamos bastante sobre os personagens do livro, mas você também é uma figura muito importante na narrativa. Como você conseguiu equilibrar sua história com a história da guerra?**

Tem esse velho clichê jornalístico de que não devemos ser o centro da história e, em geral, essa também é a minha opinião. Embora eu não seja maximalista, se sinto que minha presença pode ajudar na narrativa ou ajudar o leitor a entender a situação que estou tentando contar, talvez com um diálogo que, se eu me retirasse, não poderíamos ter, então estou na história para essa função. Há momentos em que o tipo de coisa que faço é tão complexo que, a menos que eu me inclua, não consigo realmente contar. No caso do Iraque eu não podia me excluir do que estava acontecendo ao meu redor e havia um grupo de pessoas que estava vivendo isso comigo. Eu pensei: ok, devo passar pelo artifício de me excluir e a todos os outros jornalistas que estão ao meu redor da história ou devo contar como foi? Devo contar a história

deles também? E eu pensei sobre isso, mas senti que nos excluir me parecia mais artificial. Então, nesse sentido, foi uma decisão pragmática e meio que uma decisão ética também. Não gosto, particularmente, de ler sobre jornalistas em campo e, por isso, não queria fazer outro livro de repórter, mas também não senti que poderia, de forma justa, excluí-los, por isso eles estão lá.

### **Qual é a sua opinião sobre o trabalho e a posição da mídia de massa durante a guerra do Iraque?**

É uma pergunta interessante, que surge com frequência, porque acho que muitas pessoas saíram da guerra do Iraque, durante e logo após, com uma visão muito pessimista da mídia e há uma suposição generalizada de que, de alguma forma, a mídia foi parte do problema. O caso de alguns jornalistas foi usado como exemplo – Judith Miller vem à mente e alguns outros que pareciam ter se comportado como propagandistas e sofreram em termos de reputação como resultado – e, de alguma forma, isso foi aplicado a todos os jornalistas que cobriram a guerra, o que foi uma visão muito errônea. Houve muito jornalismo realmente ético, intrépido e imparcial antes, durante e depois da guerra; e houve aqueles jornalistas que escolheram ser incorporados. Nunca me senti muito confortável em atuar como incorporado. Acabei fazendo isso porque não tinha outra maneira de estar lá, mas não gostei. Não me pareceu muito natural e, ainda assim, tenho que reconhecer que algumas reportagens excelentes, na verdade, até premiadas, surgiram do jornalismo incorporado, onde, na verdade, os americanos não saíram muito bem-vistos. Algumas das coberturas mais críticas das atividades militares americanas vieram do jornalismo incorporado, o que eu não fiz, na maioria das vezes. Então, acho que houve uma espécie de distorção injusta aplicada na mídia por causa disso, particularmente naquela guerra. Acho que houve muito determinismo que começou a invadir o espaço midiático naquela época e nunca foi embora. Pelo contrário, agora está muito pior. E essas afirmações de verdades ou falsidades ou narrativas que também surgiram dessas ideias, se estamos falando da esquerda, foram as primeiras redes sociais ou o jornalismo cidadão e, eventualmente, deram origem ao equivalente muito pior, os *trolls* da direita, que agora afetam todo o nosso espaço midiático. Mas acho que essa guerra foi, talvez, o início

disso. Essa ideia de que as pessoas simplesmente afirmam certas coisas sobre essa guerra, “ah, aconteceu por causa de petróleo”, “Bush fez isso por causa do pai dele” ou “os jornalistas fizeram parte da campanha de guerra”. Bem, nenhuma dessas coisas é absolutamente verdadeira e muitas delas são apenas lendas urbanas, ou frases repetidas com frequência, porque essas são pessoas que já tomaram uma decisão sobre algo e não querem mais pensar sobre isso. Então, havia jornalistas que faziam o trabalho de propagandista e havia outros que tentavam ser repórteres bons e justos, como há em todas as guerras. Não querendo dar um desconto para a guerra do Iraque, mas acho que havia muita confusão sobre essa guerra e até hoje não tenho certeza se temos todas as respostas.

### **Você acha que a cobertura da guerra pode ajudar a trazer paz durante os conflitos?**

Sem dar esse rótulo, sempre foi minha esperança que meu jornalismo, especialmente no período que antecedeu as guerras do Afeganistão e do Iraque. Eu escrevi certos artigos especificamente com o objetivo de tentar educar meus compatriotas, sabendo que eles poderiam vir para este país e os objetificar. Tenho um artigo que escrevi pouco antes da invasão, chamado “Ill winds”<sup>5</sup>, publicado na *The New Yorker*, sobre a invasão britânica, e, sabe, o que eu estava tentando fazer era mostrar, aos americanos, que aquele lugar tinha uma história. Escrevi outro, chamado “The warlord”<sup>6</sup>, também na véspera da guerra do Afeganistão, onde mostro como, por meio de um senhor da guerra e um homem, ele acabou fazendo as pazes com quem havia assassinado sua mãe. Os afegãos eram capazes de resolver suas próprias diferenças sem a nossa ajuda. Ambos os artigos não eram, eu não diria jornalismo de paz, mas eram um esforço meu para tentar educar meus compatriotas que estão sendo tomados pelo apocalipse. Então, sim, acho que é possível. Eu realmente acho que é possível. Mas é como escalar uma montanha, você nunca sabe o que vai encontrar no topo. Eu gosto de me considerar, antes de tudo, um repórter que por acaso vai para a guerra. Não

---

<sup>5</sup> Artigo sobre os primeiros dias da invasão americana em Bagdá: ANDERSON, Jonh Lee. Ill winds. **The New Yorker**, [New York], 31 mar. 2003. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2003/04/07/ill-winds>. Acesso em: 27 abr. 2026.

<sup>6</sup> Artigo sobre o conflito no Afeganistão: ANDERSON, Jonh Lee. The warlord. **The New Yorker**, [New York], 15 oct. 2001. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2001/10/22/the-warlord>. Acesso em: 27 abr. 2026.

apenas um jornalista de guerra. Não estou lá pela emoção, estou lá porque essa manifestação horrível do comportamento humano é a praga da humanidade. E se conseguíssemos entender isso... deveríamos, mas só podemos encontrar as pistas para resolver isso se nos aproximarmos e olharmos de perto. É isso.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Jon Lee. **A queda de Bagdá**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ATENTADOS de 11 de setembro: a tragédia que mudou os rumos do século 21. **BBC News Brasil**, [s. l.], 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015>. Acesso em: 6 abr. 2026.

BAK, John S. Toward a definition of international literary journalism. **Brazilian Journalism Research**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 214-239, 2017. DOI 10.25200/BJR.v13n3.2017.1007. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/1007/pdf/4255>. Acesso em: 4 abr. 2026.

PEREIRA, Andreza Silva. **Jornalismo literário: poética e ruptura como jornalismo tradicional**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017. Disponível em: [https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2011/1/DISS\\_2017\\_Andreza%20Silva%20Pereira.pdf](https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2011/1/DISS_2017_Andreza%20Silva%20Pereira.pdf). Acesso em: 4 abr. 2026.

STIEPANOWEZ, Carolina. **Falar de paz ao falar de guerra: jornalismo literário como veículo para jornalismo de paz em coberturas de guerra**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/74557/74557.PDF>. Acesso em: 6 abr. 2026.

### Histórico do artigo:

Submetido: 29 jan. 2026 | Aceito: 27 abr. 2026 | Publicado: 08 maio 2026.